



Leão, o Africano  
*A África e o Renascimento*  
*Vistos por um Árabe*



MURILO SEBE BON MEIHY

# Sumário

Agradecimentos .....	9
Entre dois mundos... – <i>Safa A-C Jubran</i> .....	11
Malandro não começa, inaugura! .....	15
Capítulo 1. O século feito de fogo	
1. <i>O Renascimento em chamas</i> .....	37
2. <i>Quando o sangue ferve: a Modernidade pelo confronto.</i> .....	45
3. <i>Onde há fumaça, nem sempre há fogo: a Modernidade         pela negociação.</i> .....	55
4. <i>A Modernidade simbiótica: o Norte da África</i> .....	62
5. <i>As cinzas do conhecimento: Ibn Khaldun, Leão Africano e         a história árabe simbiótica</i> .....	70
Capítulo 2. O homem feito de terra	
1. <i>O que veio do pó: Leão Africano como um homem de sua         época</i> .....	81

2. <i>O que se molda como barro: a tradução cultural</i> . . . . .	91
3. <i>Com os pés na terra da racionalidade europeia-latina: Virtù e Fortuna</i> . . . . .	106
4. <i>A terra da vergonha: a racionalidade árabe-islâmica entre a vergonha e a honra</i> . . . . .	118
5. <i>Enterrar a cabeça na areia: a experiência da incerteza no pensamento algébrico de Leão Africano</i> . . . . .	126
 Capítulo 3. A África feita de água	
1. <i>A correnteza do mundo: o comércio</i> . . . . .	137
2. <i>Águas revoltas: a questão do domínio sobre o mar</i> . . . . .	145
3. <i>Às lágrimas: a questão da colonialidade e o espaço do interstício</i> . . . . .	152
4. <i>Escorre pelas mãos: África e a fluidez civilizacional – Umrān e trânsito cultural</i> . . . . .	163
5. <i>Mare nostrum: ethos mercantil, vocabulário comercial e o uso do italiano</i> . . . . .	172
 Considerações Finais	
<i>Toda conclusão é feita de ar</i> . . . . .	191
 Bibliografia . . . . .	 195

## Entre dois mundos...

“O fim de Al-Andaluz foi o começo de tudo”, com esta frase, Murilo Meihy termina a história que nos conta sobre um dos personagens mais curiosos do século XVI, cuja vida repleta de peripécias favoreceu sua mitificação como “homem de seu tempo” por ter vivido na condição de *scaltrito*, gerenciando sua sobrevivência no interior de um espaço perigoso e tempo conturbado.

Estamos nos últimos anos do século XV, quando Granada, durante o processo da chamada reconquista cristã, expulsava os muçulmanos. De família abastada, Muhammad *Alwazzân*, o mestre dos pesos, o pai de Hassan, nosso personagem, decide se refugiar com sua família no Marrocos, mais precisamente em Fez, onde se encontrava um irmão, já estabelecido e bem relacionado inclusive com o Sultão do país. A família de Hassan Ibn-Muhammad *Alwazzân* faz então o caminho de volta de seus ancestrais que chegaram a Granada como conquistadores e agora dela saem como refugiados. Em Fez, Hassan frequenta a universidade de Alqarawiyyîn, uma das melhores e mais antigas do mundo, acompanha o tio em suas viagens, tem contato com vários povos, culturas, credos e línguas, o que vai aguçando sua qualidade de observador, refinando seu

talento de escritor e começa a formar sua concepção de que identidade é muito diferente de nacionalidade e de religião.

Já trabalhando como emissário do Sultão e regressando de uma de suas viagens, ele é capturado por corsários e levado a Roma junto com muitos outros, onde, nas masmorras, seus destinos eram selados: de seguirem como prisioneiros, de serem vendidos como escravos para servirem nos castelos dos dignitários, ou de terem um destino menos infeliz, por apresentar alguma qualidade que o habilitasse para servir a outros propósitos. Foi este o destino de Hassan Ibn-Muhammad, Alwazzân Al-fêsi (o de Fez) que em cuja companhia foram capturados livros, mapas e manuscritos que traziam informações diferentes das quais os europeus tinham até então sobre a África. O muçulmano instruído é dado ao Papa Leão X como presente, este que, percebendo o valor da prenda, logo lhe escreve o papel de alguém que podia servir ao interesse do projeto econômico e político papal.

Convertido ao cristianismo e batizado, recebe o nome de João Leão de Medici e começa a representar o papel traçado, e assim no conforto do palácio e sob a proteção do papa exerce várias tarefas, entre elas o de professor de árabe e de tradutor. Mas, chega à fama quando, destilando anos e anos de viagens, elabora *Della descrizione dell'Africa et delle cose notabili che ivi sono*, obra que acaba demarcando a forma de agir e de pensar sobre o mundo por meio da condição de *scaltrito*, o “ardil social”, cuja existência é favorecida pelo meio criado da força das circunstâncias. A este respeito, o historiador Murilo Meihy elabora ponderações acerca das relações entre Europa Latina e o Norte da África, mediada pelo Islã, para nos ambientar no espaço e no tempo em que surge este personagem, além de tecer reflexões sobre a literatura de viagem da Idade Moderna e definir o conceito de “tradução cultural”, como uma “experiência de tensão”.

Alguns aspectos que Meihy destaca, após se debruçar à tradução anotada e à análise do texto da primeira parte da *Descrição*, merecem friso e reflexão. Entre elas: como o comércio transforma as terras do Norte da África num ambiente de influências mútuas entre o Islã e a Europa Cristã e como a África é descrita e relatada por meio de manipulações retóricas de elementos e vidas em prol do comércio. Em suma, através do estudo

elaborado em sua tese de doutoramento e que agora, para sorte do público, chega em livro, Murilo Meihy nos mostra como a África e o Renascimento foram vistos pelos árabes.

É irresistível não arriscar paralelos entre essa África – síntese de regiões conhecidas por romanos e árabes-islâmicos – e o *scaltrito*, Leão Africano – síntese de conhecimentos que nunca pertenceram exclusivamente aos europeus cristãos ou aos árabes muçulmanos –, ou ainda num quadro menor, uma analogia entre África, espaço intermediário, entre o Islã e a Cristandade e o personagem, que escreveu sua África, enquanto se vestia de cristão, durante um intervalo entre seu nascimento em Granada na fé de Maomé, e sua morte nalgum lugar do Norte da África, novamente na fé de Maomé.

*Safa A-C Jubran*  
DLO-FFLCH-USP